

TARCÍSIO HOLANDA

JORNAL DE BRASÍLIA

Eleito no primeiro turno com votação consagradora, Fernando Henrique Cardoso poderá se fortalecer ainda mais, se os candidatos do PSDB a governadores de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais vencerem o segundo turno das eleições. Tudo isso daria grande legitimidade ao futuro presidente da República em seu diálogo com o Congresso Nacional.

Por mais forte que fique politicamente, Fernando Henrique Cardoso não poderá relegar a plano secundário a construção da base de apoio de seu governo na Câmara e no Senado. Só é possível estabelecer razoável sintonia entre Governo e dispositivo político mediante a composição de um ministério que seja realmente representativo das forças que o apóiam.

Não se inventou outra fórmula na democracia. Ainda que seja legítima a preocupação do futuro presidente em não fazer concessões ao loteamento de cargos e ao fisiologismo, que tantos males causaram ao País com o advento da Nova República, Fernando Henrique não é rei.

Senador durante 12 anos, o presidente eleito conhece as peculiaridades de nosso sistema político e, como acadêmico, tem consciência de que o Congresso esteve no centro de todas as nossas crises políticas e institucionais. Sempre que os presidentes estiveram em minoria no Congresso, o País sofreu crises políticas graves.

É indisfarçável o mal-estar das principais figuras do PFL, desde que Fernando Henrique Cardoso e os tucanos decidiram reservar para esse partido o papel de patinho feio. Para fugir ao estigma de fisiológico, o PFL tomou a iniciativa de anunciar que estuda o enxugamento da máquina do Estado mediante a extinção drástica de milhares de cargos de segundo e terceiro escalões.

Mas os constrangimentos são tão visíveis que não podem ser ignorados. É claro que, composto por vete-

ranos profissionais, o PFL não passa recibo. Assimila os golpes desferidos com sistemática seqüência, como o boxeur cercado nas cordas pelo adversário, esperando a oportunidade de desferir um "jab" salvador antes de ser aniquilado.

Nenhum dos dirigentes e líderes do PFL acusará esse sentimento de rejeição que vai tomando conta de muitos de seus deputados. Todos, inclusive o ex-governador e agora senador eleito pela Bahia, Antonio Carlos Magalhães, evitarão entrar em curso de colisão com o novo presidente da República.

Porém, se se sentir marginalizado na composição do ministério, o PFL aguardará a oportunidade devida para dar o troco. Como todas as demais legendas de cujo concurso Fernando Henrique Cardoso não poderá prescindir no momento em que se submeter ao Congresso suas polêmicas propostas de emendas constitucionais.

O futuro presidente não pode esquecer de uma frase que virou truismo: presidente que está bem com as ruas, está sempre bem no Congresso. O contrário também é verdadeiro. Se é verdade que o Plano Real está pegando água, evitar o seu naufrágio deve ser a primeira preocupação de quem se elegeu graças à estabilização.

O fracasso do Plano Real abalará a credibilidade conquistada pelo sucessor de Itamar Franco graças unicamente à drástica redução dos incivilizados índices inflacionários com os quais o Brasil convivia, há tanto tempo. Para isso, Fernando Henrique terá de recorrer a seus inegáveis poderes de prestidigitador para convencer ao presidente Itamar Franco a resistir às tentações da popularidade fácil.

■ Tarcísio Holanda é repórter de política do Jornal de Brasília